

RESENHA

Por:

Prof. Dra. Marília Klaumann Cánovas
LEER/FFLCH/Universidade de São Paulo

Obra: *Migrantes y refugiados en la posguerra mundial. La corriente organizada de españoles hacia Argentina, 1946-1962*. Espanha, Silex Ediciones, 2017.

Autor:

Emilio Redondo Carrero
Doutor em História
Universidade de Castilla-La Mancha (UCLM)
Professor da Universidade de Burgos (UBU)

REDONDO CARRERO, Emilio. Migrantes y refugiados en la posguerra mundial. La corriente organizada de españoles hacia Argentina, 1946-1962.

O livro *Migrantes y refugiados en la pós-guerra mundial. La corriente organizada de españoles hacia Argentina, 1946-1962*, resulta da tese de doutorado do autor, Emilio Redondo Carrero, que, por sua relevância, acaba de ser agraciada, neste ano de 2018, com o *Premio Extraordinario de Doctorado* em Artes y Humanidades pela UCLM – Universidade de Castilla-La Mancha, onde a defendeu no ano de 2016.

Para a sua realização, o autor desenvolveu suas pesquisas vinculado ao *Instituto de Historia* do CSIC – *Consejo Superior de Investigaciones Científicas*, de Madri, e sua *tutora de tesis* (orientadora) foi a Prof^a Elda González Martínez, daquele Instituto. Também atuou como pesquisador visitante no *Institute of Latin American Studies* da Universidad de Columbia, em Nova York e na *Universidad Nacional de Luján*, em Buenos Aires.

Sua investigação foi amparada por um substancial *corpus* documental e no rigoroso exame de extensa documentação custodiada em distintos acervos, tais como o da Biblioteca da OIM - Organização Internacional para as Migrações, em Genebra; o do *Archivo del Ministerio de Trabajo*; o do *Archivo General de la Administración* e o do *Congreso dos Diputados*, ambos em Madri, além da ampla pesquisa de campo desenvolvida em arquivos de institutos de pesquisa em Buenos Aires, tais como o *Archivo de la Cancillería*; o da *Dirección General de Migraciones*; o do *Instituto Nacional de Estadísticas y Censos* e na *Biblioteca Nacional* daquele país, bem como na Biblioteca Pública de Nova York.

R. METAXY, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.190-194, 2019. **RESENHA.**

REDONDO CARRERO, Emilio. Migrantes y refugiados en la posguerra mundial. La corriente organizada de españoles hacia Argentina, 1946-1962. Por: Marília Klaumann Cánovas

Publicado em 2017 pela Editorial Sílex, de Madri, o livro conta com 579 páginas e está dividido em seis capítulos. O *Prólogo* (Prefácio) foi elaborado por sua orientadora a Dra. Elda González Martínez, do CSIC de Madri. Ao final, está ilustrado com Gráficos e Tabelas.

O objeto central do trabalho desenvolvido pelo autor são as migrações transoceânicas ocorridas no pós Segunda Guerra Mundial, com especial ênfase na corrente espanhola que se dirigiu à Argentina. O marco temporal da pesquisa se centra nos anos de 1946 a 1962, o primeiro deles responsável pelo restabelecimento das correntes migratórias a nível internacional.

Tendo o Comitê Intergovernamental para as Migrações Europeias (CIME)¹, organismo internacional criado em 1952, em Genebra, como o eixo central a partir do qual desenvolve a sua investigação, o autor move a sua análise revelando aspectos da nova ordem internacional que passa a vigorar com respeito aos deslocamentos humanos. Neste mesmo ano, 1952, a OIR – Organização Internacional para os Refugiados, criada em 1947, com a finalidade de assistir os refugiados de guerra que se encontravam em campos de concentração, encerra formalmente as suas atividades.

Dizia Tony Judt em seu instigante *Postguerra - Una historia de Europa desde 1945*, que sobreviver à guerra era uma coisa, e sobreviver à paz era outra, querendo com isso expressar que as vítimas da contenda mundial não teriam sido apenas os 50 milhões de civis e militares que nela morreram, mas igualmente os outros tantos, provavelmente de igual montante, que sobreviveram a ela.

O destino dos judeus, os enormes deslocamentos humanos ordenados por Hitler e Stalin e as deportações em massa de poloneses, alemães, estonianos e outros para os trabalhos forçados na Sibéria, eram questões às quais se juntavam a intensa movimentação de húngaros, romenos, búlgaros e sérvios, fazendo com que, ao final da guerra, o problema crucial dos refugiados adquirisse enormes proporções. Às categorias “refugiado” e “migrante” veio somar-se outra, a de “deslocados”.

Estabelecia-se, portanto, uma nova ordem internacional no pós-guerra. E ela resultava da orientação dos Estados e de políticas instauradas que visavam ajustar-se à

¹ Atual OIM - Organização Internacional para as Migrações

nova realidade. Havia um contingente deslocado, era fato, e, portanto, era preciso implementar medidas que visassem o controle de suas fronteiras.

Tais referências preliminares, como elemento analítico contextual imprescindível, são examinadas pelo autor, no trato com a questão central.

Com efeito, a distinção entre “deslocados” e “refugiados” de guerra delimitará as “esferas de competência de governos e organismos internacionais implicados na solução do problema” (p. 35 e ss). Desse contexto, nascem os primeiros organismos internacionais, buscando solução para a massa que fugia dos horrores da guerra. A OIR, e depois o CIME, vieram na sua esteira.

Nessa direção, e em larga digressão explanativa, a análise remete, portanto, à complexidade do contexto internacional que deu origem ao CIME, rastreando com perfeição a alteração nos mecanismos estatais de controle sobre o deslocamento humano frente à nova ordem internacional. Tais mecanismos permitiram, por sua vertente assistencial, que muitos imigrados e refugiados pudessem se deslocar, valendo-se do intervencionismo e de instrumentos internacionais que ensejaram uma gestão coordenada dos fluxos populacionais.

Coube ao CIME, desde a sua criação até 1962, limite temporal da investigação, organizar o traslado de cerca de aproximadamente 1,2 milhões de europeus, responsabilizando-se pelo transporte e cobrindo os primeiros gastos com estadia.

A maior parte desse contingente dirigiu-se à Austrália, que representou o maior receptor desse fluxo – aproximadamente 30% do total dessa imigração assistida por este organismo. Em seguida, ocupando o 2º lugar, estão os Estados Unidos com 18% e, em 3º lugar, o Canadá com 13%.

Para a América Latina – Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Uruguai e Venezuela –, vieram 24,55% (293.547 imigrantes).

A Argentina, objeto central do trabalho do autor e que aderiu tardiamente ao programa (apenas em 1954), representou “*una contribución más a las muchas que América ya había ofrecido para que esa organización lograra la solución de los más intrincados problemas de la pós-guerra*” (p. 216)

Na verdade, tendo recepcionado uma grande cifra, aproximadamente 9% do contingente total deslocado (italianos em sua maioria), a Argentina vem a ocupar o 4º lugar na escala global.

Até 1962 ingressaram na Argentina 185.180 imigrantes, sendo que 113.485 o fizeram pelo CIME. Destes, 15.823 eram espanhóis.

Os espanhóis, por seu lado, ingressaram no CIME apenas em 1957, ano em que se deu a adesão do governo espanhol. Até 1962, data-limite da pesquisa, ou seja, nos cinco anos subsequentes à sua aderência ao programa, saíram da Espanha, com destino a ultramar, 243.422 emigrantes e, destes, 73.380 o fizeram por meio do CIME.

Protagonistas daquele momento, a Espanha e a Argentina representavam velhos parceiros de uma longa história pregressa.

Todo esse montante veio à tona na exaustiva e minuciosa coleta de dados quantitativos realizada pelo autor em distintos acervos e locais, como já foi mencionado.

No entanto, a obra por ele estruturada não se restringiu ao exame particular e quantitativo do contingente que, da Espanha, se dirigiu para a Argentina, valendo destacar o notório esforço dedicado no sentido de analisar os contextos geopolíticos dos dois países envolvidos.

Analisando em profundidade a estrutura administrativa do CIME, o autor procura revelar como as ações desse organismo incidiram sobre os refugiados da Segunda Guerra mundial, descortinando o isolamento internacional da ditadura de Franco – o exílio de 540 mil republicanos para a França, dos quais muitos seguiram depois para a América Latina, episódio na raiz do que reside a “aversão inicial” do regime pela imigração, então associada à dissidência.

Afirma o autor, parafraseando Alfonso Ruiz Miguel, “*la manera más rápida de resumir la situación de los derechos en el franquismo es decir que vivieron en un permanente estado de excepción*” (p. 101), responsável pelo impressionante contingente exilado.

Subjacente a isto, o autor traz luz à “construção da nação argentina como projeto histórico, a ideia da hispanidade e sua relação com a política exterior espanhola, o desenvolvimento econômico latino-americano e o enfrentamento entre os Estados Unidos e a União Soviética durante o apogeu da guerra fria”, aspectos cujos desdobramentos fundamentam o Capítulo 3 (p. 167-217).

Como embasamento à sua análise, o autor remete à uma visão retrospectiva da política imigratória do primeiro peronismo, a partir de 1946, ressaltando o critério da etnicidade – que incidia sobre os indesejáveis judeus, mas também sobre os comunistas,

que eram impedidos de ingressar no país –, e dos princípios eugênicos que então vinham sendo adotados.

Nesse intuito o autor se detém, com diligência, nos capítulos centrais do livro (do Capítulo 2 ao 5) pelos quais discorre, como ademais o faz durante todo o transcurso do trabalho, com extrema erudição e habilidade.

É aspiração declarada do autor que tal amplitude temática não oculte o propósito central declarado que norteou o seu trabalho, qual seja, tornar evidente a tensão existente entre o movimento espontâneo das correntes e a ingerência dos Estados e dos organismos internacionais envolvidos. É inequívoco o seu intento maior em dar a conhecer o conjunto de ações que nortearam o organismo e quais os interesses concretos que o moviam – fossem eles compatíveis ou não com os interesses daqueles sob sua tutela.

Para finalizar, e como não bastasse todo o diligente esforço na consecução do seu objetivo central, esse trabalho de investigação vem cobrir, com irrepreensível maestria uma notória lacuna historiográfica, cujo lapso se situa no pós-segunda guerra, na abordagem do fenômeno migratório espanhol para a Argentina.